

DESAFIOS E DIFICULDADES DO ENFERMEIRO NO SETOR DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA HOSPITALAR: IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA ASSISTENCIAL¹

CHALLENGES AND DIFFICULTIES OF NURSES IN THE HOSPITAL EMERGENCY AND URGENCY SECTOR: IMPLICATIONS FOR ASSISTENTIAL PRACTICE

Franici Ferreira de Lima²
Rosiane Aparecida Silva Gonçalves³
Thiago Leonel Franco⁴

RESUMO

As unidades de urgência e emergência hospitalar exigem respostas rápidas e eficazes diante de situações críticas. O objetivo do presente estudo é analisar dificuldades e desafios enfrentados por esses profissionais no referido setor hospitalar. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases SciELO, LILACS, PubMed/Medline, Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de literatura cinzenta, como teses, dissertações e documentos oficiais. Foram incluídos artigos publicados entre 2007 e 2025 em português, inglês e espanhol. O processo de busca resultou em 324 publicações, das quais 27 foram lidas na íntegra. Selecionaram-se, por fim, nove estudos que atenderam a critérios de elegibilidade estabelecidos previamente. Os resultados evidenciaram recorrente sobrecarga laboral, precariedade estrutural, falhas organizacionais, impactos emocionais, como burnout aos profissionais e insegurança aos pacientes. A pandemia de covid-19 intensificou esses problemas, tornando evidente a necessidade de intervenções institucionais. Também foram apontadas estratégias de enfrentamento, como protocolos assistenciais, educação permanente, fortalecimento de comunicação interprofissional associada ao apoio psicológico. Conclui-se que a superação dos desafios mencionados exige investimentos estruturais, valorização profissional, bem como políticas públicas efetivas, capazes de assegurar melhores condições de trabalho, assim como assistência segura, humanizada e alinhada aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: Assistência; Desafios; Emergência; Enfermagem; Urgência.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade FacMais de Ituiutaba como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Enfermagem, no segundo semestre de 2025.

² Acadêmica do 10º Período do curso de Enfermagem pela Faculdade FacMais de Ituiutaba. E-mail: franici.lima@aluno.facmais.edu.br.

³ Acadêmica do 10º Período do curso de Enfermagem pela Faculdade FacMais de Ituiutaba. E-mail: rosiane.goncalves@aluno.facmais.edu.br

⁴ Professor orientador e mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP), do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO). Docente da Faculdade de Inhumas. E-mail: thiago.franco@facmais.edu.br

ABSTRACT

Hospital emergency and urgency units require rapid and effective responses to critical situations. The objective of this study is to analyze the difficulties and challenges faced by nurses in this hospital sector. This is an integrative literature review conducted using the SciELO, LILACS, PubMed/Medline, Nursing Database (BDENF), and Virtual Health Library (VHL) databases, as well as gray literature, including theses, dissertations, and official documents. Articles published between 2007 and 2025 in Portuguese, English, and Spanish were included. The search process yielded 324 publications, of which 27 were read in full. Finally, nine studies that met the previously established eligibility criteria were selected. The results revealed recurrent work overload, structural precariousness, organizational failures, and emotional impacts, such as burnout and stress among professionals, as well as insecurity for patients. The covid-19 pandemic intensified these problems, making the need for institutional interventions evident. Coping strategies were also identified, including care protocols, continuing education, strengthening interprofessional communication, and psychological support. It is concluded that overcoming the challenges identified requires structural investments, professional appreciation, and effective public policies capable of ensuring better working conditions, as well as safe, humane care aligned with the principles of the Unified Health System (SUS).

Keywords: Care; Challenges; Emergency; Nursing; Urgency.

1. INTRODUÇÃO

As unidades de urgência e emergência hospitalar são ambientes que exigem respostas rápidas e eficazes diante de situações críticas. Nesses setores, enfermeiros enfrentam sobrecarga de trabalho, escassez de recursos, alta demanda assistencial e necessidade de decisões ágeis, que contribui para estresse, fadiga, bem como desgaste físico e emocional. Esses desafios, por conseguinte, afetam diretamente a qualidade da assistência prestada aos pacientes (Souza; Lima 2022). Conforme Ferreira et al. (2024), 66% desses profissionais no Brasil apresentaram sintomas de burnout durante a pandemia da covid-19.

Além disso, a taxa de rotatividade em setores de emergência pode ultrapassar 25% ao ano, reflexo das condições adversas de trabalho e pressão

constante (Costa; Martins, 2021). Também segundo relatórios nacionais, divulgados pela Agência Nacional de Saúde (Anvisa, 2023), em 2023 mais de 30% dos eventos adversos notificados em hospitais ocorreram nessas esferas, o que reforça a necessidade de se discutir a realidade desses profissionais.

Em contexto histórico, a organização dos serviços de urgência e emergência no país avançou a partir da criação do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) em 2003, seguida da Portaria nº 1.600/2011, que instituiu a Política Nacional de Atenção às Urgências. Essa última estruturou o atendimento em rede e definiu diretrizes para atuação multiprofissional, incluindo o enfermeiro como essencial no cuidado imediato (Brasil, 2011).

Sendo assim, é primordial compreender as dificuldades vivenciadas por esses trabalhadores e os desdobramentos atuais da função para subsidiar estratégias que promovam melhorias organizacionais e de valorização profissional, atreladas a cuidados mais seguros e humanizados (Cardoso; Oliveira; Parente, 2021).

Na dinamicidade do ambiente hospitalar, o enfermeiro faz ponte no tratamento dos pacientes: é responsável tanto pela gestão dos atendimentos quanto pela execução de práticas que requerem habilidade técnica e tomada de decisão rápida. Contudo, além dos desafios mencionados, esse profissional enfrenta escassez de recursos, alto revezamento de pacientes e estresse ocupacional, fatores que impactam diretamente a qualidade do serviço prestado (Silva; Oliveira; Fonseca 2020).

Tal exercício em situações críticas demanda não apenas competência técnica, mas também capacidade de lidar com pressões emocionais intensas. Costa e Martins (2021), por exemplo, acrescentam que o ambiente de urgência e emergência, embora essencial para a manutenção da vida, é fonte potencial de desgaste físico e psíquico para enfermeiros.

Já conforme relatórios da Anvisa (2023), mais de 30% dos eventos adversos notificados em hospitais brasileiros ocorreram nesses setores, o que reforça a necessidade de se discutir tais condições de trabalho. Nesse sentido, a Resolução nº 375/2011 do Conselho Federal de Enfermagem (Confen, 2011) regulamenta tanto a atuação quanto destaca responsabilidades o enfermeiro em sua atuação profissional.

No cenário internacional, profissionais de enfermagem atuantes nesse âmbito estão dentre os mais vulneráveis ao estresse ocupacional. Hooper et al. (2010) mencionam pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Canadá e Europa que demonstram elevados níveis de burnout nessa categoria variam entre 50% e 82%, dependendo do instrumento de avaliação e do contexto analisado. Em outro estudo conduzido nos Estados Unidos, por exemplo, 82% dos profissionais apresentaram níveis de moderados a altos do distúrbio, uma das maiores taxas registradas entre profissionais de saúde (Hooper et al., 2010).

De forma semelhante, outras investigações citadas por Goldberg et al. (1996) e Moukarzel et al. (2019) detectaram entre 60% e 78% da síndrome entre médicos e enfermeiros de emergência. Trata-se, portanto, de um fenômeno global que afeta diretamente a saúde física, emocional e profissional desses trabalhadores.

A partir dessas constatações, o presente estudo se propõe a analisar os desafios enfrentados por enfermeiros no setor de urgência e emergência hospitalar. Acredita-se que identificar esses elementos e apresentar suas implicações poderá contribuir para a formulação de estratégias institucionais que promovam melhores condições de trabalho, favorecendo a segurança dos pacientes e bem-estar dos profissionais (Minayo, 2014). Isso posto, a questão norteadora da pesquisa é: “Quais as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos enfermeiros no setor de urgência e emergência hospitalar e de que maneira esses fatores impactam a qualidade da assistência prestada?”.

Como mencionado, esses profissionais atuam sob condições de extrema pressão, o que compromete tanto sua saúde física quanto mental e, consequentemente, a qualidade do cuidado prestado. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir com propostas de intervenção que promovam ambientes de trabalho mais seguros, colaborativos e eficazes, a fim de valorizar o papel do enfermeiro na linha de frente do atendimento hospitalar.

Por sua vez, os objetivos específicos são: 1) identificar os principais fatores que contribuem para as dificuldades do enfermeiro no setor de urgência e emergência; 2) compreender como esses desafios influenciam o desempenho profissional e a tomada de decisão no cuidado ao paciente; 3)

sugerir estratégias que possam minimizar os impactos dessas dificuldades na prática assistencial e na qualidade do atendimento.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento deste estudo será dividido em tópicos que buscam aprofundar a compreensão sobre desafios e dificuldades enfrentados por enfermeiros no setor de urgência e emergência hospitalar. Inicialmente, serão abordados aspectos históricos e organizacionais desse ambiente, seguidos de uma análise de condições de trabalho, sobrecarga e escassez de recursos. Em seguida, discutir-se-ão os impactos emocionais e físicos sobre os profissionais, além de falhas de comunicação e gestão que interferem diretamente na segurança dos pacientes.

2.1 Histórico e organização do setor de urgência e emergência

A estruturação do atendimento às urgências e emergências nacionais passou por diversas transformações. No período colonial (1500-1822) e durante o Brasil Império (1822-1889), os cuidados emergenciais eram realizados de forma desarticulada em hospitais públicos municipais. Em 1932, foi instituído o “Socorro Médico”, direcionado aos beneficiários da previdência social, considerado um dos primeiros esforços organizados de assistência emergencial. Já em 1949, surgiu o Serviço de Assistência Médico-Domiciliar e Urgência (Samdu) com a finalidade de ampliar a cobertura de atendimento em saúde e oferecer suporte em situações emergenciais, inclusive em âmbito domiciliar (Scarpelini, 2007).

Contudo, a consolidação de um modelo mais completo ocorreu, de fato, por meio da Reforma Sanitária e da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Saúde nº 8.080/1990. A partir desse marco, urgência e emergência passaram a ser reconhecidas como parte do compromisso constitucional de

acesso universal à saúde, embora houvesse desafios para sua implementação efetiva (Brasil, 1988; Brasil, 1990).

A Portaria GM/MS nº 2.048, de 5 de novembro de 2002, também se configurou como um avanço nesse sentido, ao estabelecer normas técnicas para os sistemas estaduais de urgência e emergência, incluindo atendimento pré-hospitalar móvel como componente essencial da rede. Em seguida, a Portaria GM/MS nº 1.863/2003 instituiu formalmente a Política Nacional de Atenção às Urgências, bem como fortaleceu a integração entre diferentes serviços e níveis de atenção (Brasil, 2002; Brasil, 2003).

Nesse contexto, a Rede de Atenção às Urgências e Emergências (RUE) foi concebida para articular os diferentes níveis de atenção, desde a primária ao atendimento hospitalar, além de garantir hierarquização, regulação e continuidade do cuidado. Seus principais componentes incluem o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu – 192), Unidades de Pronto Atendimento (UPA 24h), salas de estabilização, regulação médica telefônica e leitos hospitalares de retaguarda, incluindo Unidades de Terapia Intensiva (UTI).

Lançada em 2023, a Política Nacional de Humanização (PNH), conhecida como HumanizaSUS, contribuiu para qualificar a organização da RUE ao introduzir ferramentas como o “acolhimento com classificação de risco” (Brasil, 2003; UNA-SUS, 2015). Esta busca assegurar acesso integral e humanizado, além de priorizar casos mais graves com o intuito de garantir atendimento oportuno e efetivo (Brasil, 2003; UNA-SUS, 2015).

Apesar dos avanços, desigualdades na implantação da RUE são perceptíveis: há diferenças consideráveis em termos de estrutura e efetividade. Em muitos municípios, por exemplo, serviços como UPA ou Samu não garantem integração plena com hospitais de maior complexidade, revelando falhas de articulação e fragmentação na rede. Além disso, o custeio da atenção às urgências depende de financiamento tripartite (federal, estadual e municipal), o que acentua desequilíbrio entre regiões mais desenvolvidas e aquelas com menor capacidade financeira e de gestão.

2.2 Desafios e dificuldades da enfermagem no setor de urgência e emergência

Os profissionais de enfermagem exercem papel essencial no setor de urgência e emergência, por oferecerem atendimento imediato e preservar as funções vitais do paciente. Diante da diversidade de casos rotineiros nas unidades, com diferentes graus de gravidade, devem se manter em constante atualização. Ao serem, muitas vezes, responsáveis pelo primeiro contato com o público, precisam aliar raciocínio rápido, segurança técnica e prática clínica consolidada para garantir assistência eficaz em situações críticas.

A complexidade do atendimento exige habilidade individual e atuação integrada dentre equipes. Isso porque emergências envolvem risco iminente de vida e demandam tratamento de início imediato em ambientes com suporte adequado (Silva *et al.*, 2019).

Para Soares *et al.* (2022), apesar de sua importância, enfermeiros enfrentam cenários desafiadores, como alta demanda de atendimentos, além de falta de materiais e mão de obra, combinada à pressão por decisões. Adicionam-se a isso jornadas exaustivas e ausência de descanso adequado, que comprometem tanto a qualidade da assistência quanto a saúde dos trabalhadores. A insuficiência de insumos e equipamentos, ainda, resultam em improvisos e falhas assistenciais (Soares *et al.*, 2022). Como consequência, protocolos sem clareza, diálogo limitado entre membros das equipes, bem como insuficiência de processos regulatórios adequados culminam em atrasos e erros.

O contato diário com situações de risco iminente de vida, somado à responsabilidade de tomar decisões críticas, expõe enfermeiros a níveis elevados de estresse. Essa realidade, então, leva a relatos comuns de burnout, transtornos de ansiedade e fadiga, o que configura agravos ocupacionais. A vivência constante com dor, sofrimento e morte também impõe carga psicológica intensa.

Desse modo, torna-se necessário o suporte institucional adequado para prevenir adoecimento e garantir a permanência desses profissionais no serviço (Soares *et al.*, 2022). Situados na linha de frente, enfermeiros assumem, assim, responsabilidades críticas em um sistema que, muitas vezes, não oferece condições estruturais compatíveis com a complexidade das demandas (Comape; Correa; Souza, 2024).

Os desafios mencionados envolvem dilemas éticos, bem como atendimentos mecanizados e ausentes de humanização. Essa realidade contraria os princípios do SUS, que preveem universalidade, integralidade e equidade. Ela também coloca esses trabalhadores em constante conflito entre o desejo de oferecer cuidado integral e as limitações impostas pelas condições de trabalho. Portanto, discutir os desafios da enfermagem em urgência e emergência significa refletir sobre a qualidade da assistência e sobre a valorização desses profissionais como agentes centrais na promoção da vida.

2.3 Implicações para a prática assistencial e estratégias de enfrentamento

Conforme Gallo e Mello (2009), os problemas ora mencionados geram insatisfação nos pacientes, que relatam experiências negativas e percebem a assistência como impessoal. De modo paralelo, o conflito entre os ideais profissionais e as limitações estruturais pode gerar sentimento de impotência, frustração e desvalorização. Tal contexto reforça a necessidade de fortalecer as políticas de saúde do trabalhador, além de reconhecer a relevância do enfermeiro como agente essencial para a preservação da vida em situações emergenciais (Soares *et al.*, 2022).

Diante desses obstáculos, diversas estratégias de enfrentamento podem ser adotadas tanto em nível individual quanto institucional. Nesse último, destaca-se a educação continuada com o propósito de preparar esses profissionais para mudanças nas práticas clínicas (Comape; Correa; Souza, 2024). É necessário ainda investir em treinamentos voltados para comunicação em equipe, protocolos assistenciais e manejo do estresse. Conforme Comape, Correia e Souza (2024), o apoio psicológico institucionalizado e a criação de ambientes laborais saudáveis podem minimizar o adoecimento ocupacional, além de aprimorar a satisfação profissional.

Já as estratégias individuais atuam na mitigação de impactos físicos e emocionais decorrentes do trabalho. A prática regular de atividades físicas, programas de ginástica laboral, busca por atividades recreativas, juntamente com acompanhamento psicológico podem proporcionar equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Segundo Minasi *et al.* (2024), esses recursos trazem

benefícios musculoesqueléticos, cardiorrespiratórios, neurológicos e de bem-estar.

Entretanto, medidas isoladas não são suficientes para promover mudanças substanciais. Ou seja, a superação dos desafios requer ações que também envolvam gestores públicos, profissionais de saúde e sociedade civil. Dentre as medidas estão o fortalecimento da RUE, ampliação dos recursos disponíveis, valorização dos profissionais e implementação de políticas gerenciais efetivas.

3. METODOLOGIA

O presente estudo utiliza a revisão integrativa da literatura como metodologia, delineada segundo recomendações de Mendes, Silveira e Galvão (2019). Essa modalidade foi escolhida por possibilitar a síntese de conhecimentos oriundos de diferentes pesquisas. Isso permite compreender, de forma ampla e crítica, os desafios e dificuldades enfrentados por enfermeiros em setores de urgência e emergência hospitalar.

A questão norteadora definida foi: “Quais são as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos enfermeiros no setor de urgência e emergência hospitalar e de que maneira esses fatores impactam a qualidade da assistência prestada?”. Para tanto, realizaram-se buscas nas bases de dados SciELO, LILACS, PubMed/Medline, Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de literatura cinzenta (teses, dissertações e documentos oficiais do Ministério da Saúde).

Utilizaram-se ainda descritores controlados (DeCS/MeSH), combinados por meio dos operadores booleanos *AND* e *OR*. Os principais termos empregados foram: “enfermagem”, “urgência”, “emergência”, “desafios” e “assistência”.

Os critérios de inclusão englobaram artigos originais, revisões e relatos de experiência publicados entre 2007 e 2025, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que tratassem diretamente da temática proposta. Por sua vez, os critérios de exclusão consideraram conteúdo duplicado, editoriais, cartas ao editor e estudos não relacionados com o objeto de estudo. O processo de seleção envolveu as etapas de leitura de títulos e resumos; leitura na íntegra

dos artigos potencialmente relevantes; aplicação dos critérios de elegibilidade; análise e categorização temática.

Em seguida, a análise dos dados se baseou nas abordagens qualitativa e crítica, de modo que os achados foram agrupados em categorias temáticas relacionadas a dificuldades assistenciais, estruturais, organizacionais e emocionais vivenciadas por enfermeiros no setor de urgência e emergência. Essa etapa permitiu identificar convergências, divergências e lacunas nas publicações científicas relacionadas ao tema.

A partir disso, selecionaram-se nove estudos para compor o corpus final da revisão integrativa (os detalhes estão descritos na seção a seguir). Os achados foram, então, distribuídos em três categorias analíticas centrais, construídas a partir das convergências temáticas identificadas na literatura, a saber: (1) sobrecarga e condições precárias de trabalho na urgência e emergência; (2) adoecimento físico, emocional e impactos psicossociais nos enfermeiros; (3) fragilidades organizacionais e estruturais que comprometem a segurança dos pacientes.

Essa organização permitiu sistematizar criticamente os resultados dos artigos e compreender, de maneira profunda, fatores que influenciam negativamente o exercício profissional na urgência e emergência. Já os eixos direcionadores da discussão foram dispostos de forma a evidenciar como os desafios estruturais, emocionais e organizacionais se inter-relacionam e afetam tanto o trabalhador quanto a qualidade da assistência prestada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento bibliográfico, localizaram-se 324 publicações nas bases SciELO, LILACS, BDENF, PubMed/Medline e BVS. Após observação de títulos e resumos, foram selecionados 27 artigos para leitura integral. Posteriormente, aplicaram-se os critérios de inclusão e exclusão definidos na metodologia.

Essa triagem, então, eliminou estudos duplicados, editoriais, cartas ao editor, bem como artigos que não abordavam diretamente os desafios enfrentados pela enfermagem em setores de urgência e emergência. Por fim,

foram incluídos 9 estudos, publicados entre 2007 e 2025, que, em conjunto, apresentaram um panorama sobre o tema aqui tratado.

As publicações estão sintetizadas na Quadro 1, cujo conteúdo inclui autoria, ano de publicação e objetivos principais, a fim de se obter uma visão mais abrangente da literatura.

Quadro 1 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão

AUTOR/ANO	TÍTULO DO ESTUDO	OBJETIVO
Scarpelini (2007)	“A organização do atendimento às urgências e trauma”	Abordar alguns modelos internacionais de atendimento às urgências e apresentar suas principais diferenças.
Sokolski; Vandresen; Senff (2019)	“Desafios da enfermagem para atuação em urgência e emergência”	Identificar desafios profissionais para atuação na urgência e emergência hospitalar.
Cardoso; Oliveira; Parente (2021)	“Dificuldades vivenciadas pelo enfermeiro assistencial nas unidades de urgência e emergência: uma revisão integrativa”	Investigar evidências científicas acerca das principais dificuldades vivenciadas pelo enfermeiro na assistência dentro das unidades de urgência e emergência no período de 2015 a 2020.
Soares et al. (2022)	“Fatores associados ao burnout em profissionais de saúde durante a pandemia de covid-19: revisão integrativa”	Compreender efeitos e consequências do trabalho durante a pandemia da covid-19 na saúde mental dos profissionais de saúde e fatores que pudessem estar associados ao desenvolvimento da síndrome de burnout.
Moreira et al. (2022)	“Entraves e desafios na atuação do enfermeiro nos serviços de urgência e emergência”	Identificar principais entraves e desafios enfrentados pelo enfermeiro atuante nos serviços de urgência e emergência.
Souza; Lima (2022)	“Desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento de urgência e emergência durante a pandemia”	Analizar os principais desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem no atendimento intra-hospitalar de urgência e emergência ao paciente suspeito ou confirmado com covid-19.
Minasi et al. (2024)	“Atuação da enfermagem na urgência e emergência: evidências sobre as melhores práticas”	Explorar funções, competências e desafios enfrentados pela enfermagem na urgência e emergência, além de discutir estratégias para otimização do atendimento e aprimoramento da prática profissional.
Ferreira et al.	“Desafios no atendimento em	Analizar desafios no atendimento em

(2024)	situações de urgência e emergência: uma revisão narrativa da literatura”	situações de urgência e emergência.
Ferreira; Soares; Pontes (2025)	“Alta demanda das unidades de pronto atendimento e a sobrecarga da enfermagem: uma revisão integrativa da literatura”	Descrever, por meio de revisão integrativa da literatura, como a superlotação nas UPAs afeta profissionais de enfermagem em sua prática cotidiana de saúde.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A análise dos nove artigos revelou recorrente sobrecarga laboral, além de desafios organizacionais e emocionais na prática de enfermagem em unidades de urgência e emergência. A pesquisa de Ferreira, Soares e Pontes (2025) indicou que a alta demanda nesses setores impactou tanto a saúde física quanto a mental de profissionais da área. Isso ainda comprometeu a satisfação profissional e qualidade assistencial. Essa constatação converge com o estudo de Cardoso, Oliveira e Parente (2021), que identificou condições de trabalho precárias, combinadas à insuficiência de recursos materiais, humanos, além de fatores que causam adoecimento físico e psicológico.

Durante a pandemia de covid-19, essas fragilidades tornaram-se ainda mais notórias. Souza e Lima (2022) ressaltaram o agravamento desses aspectos devido às incertezas sobre a doença e escassez de equipamentos de proteção individual (EPI). Esse cenário foi aprofundado por Soares *et al.* (2022), que analisaram a associação entre a crise sanitária e burnout. Desse modo, o estudo revelou medo de contaminação, longas jornadas e pressão contínua que contribuíram para altos índices de esgotamento entre profissionais da linha de frente.

Minasi *et al.* (2024) também notaram o amplo impacto da síndrome em enfermeiros de pronto-socorro, sobretudo jovens e com maior carga horária. Ainda conforme o estudo, a exaustão emocional comprometia a capacidade de tomada de decisão e elevava o risco de erros assistenciais. Essa perspectiva complementa a pesquisa de Sokolski, Vandresen e Senff (2019), que indicou relação direta entre estresse ocupacional e queda da qualidade do cuidado. Por conseguinte, ambientes sobrecarregados e desorganizados aumentavam a vulnerabilidade tanto de profissionais quanto de pacientes.

Sob o viés organizacional, Scarpelini (2007) já alertava que sistemas de urgência e trauma sem integração comprometiam tanto a resolutividade e

quanto eficiência dos serviços. Mais recentemente, Moreira *et al.* (2022) reafirmam essa problemática ao apontar falhas persistentes de gestão e comunicação interprofissional, cujo resultado é insegurança e desafios adicionais na prática de enfermagem. Esses achados indicam que, apesar dos avanços tecnológicos e normativos no setor de saúde, problemas de ordem estrutural são barreiras críticas.

A sobrecarga foi relatada de modo similar por Sokolski, Vandresen e Senff (2019), que sublinharam a pressão por agilidade em decisões, escassez de pessoal e superlotação dos serviços como agravantes do desgaste diário dos profissionais. Já Ferreira *et al.* (2024) salientaram a exigência de respostas rápidas como parte da natureza da urgência. No entanto, isso trouxe como consequência exposição ao erro e reforçou a necessidade de preparo técnico e emocional contínuo. Portanto, a partir dos resultados encontrados, o ambiente de urgência e emergência impõe um ritmo de trabalho que, embora essencial para salvar vidas, fragiliza a saúde do trabalhador, em especial quando não há suporte institucional adequado.

Para finalizar, apesar da predominância de diagnósticos críticos, alguns estudos apresentaram propostas de enfrentamento. Minasi *et al.* (2024), por exemplo, frisaram a relevância da adoção de protocolos assistenciais, padronização de condutas e da educação permanente como ferramentas para reduzir riscos, aumentar a segurança dos pacientes, além de fortalecer a atuação da enfermagem. Ou seja, mesmo em cenários adversos, é possível promover melhorias organizacionais que impactam positivamente desfechos clínicos e práticas profissionais.

Ao integrar os resultados, observam-se as dificuldades enfrentadas no âmbito analisado, aqui distribuídas em três grandes dimensões: condições de trabalho precárias, impacto emocional e falhas organizacionais. A sobrecarga laboral e o estresse psicológico emergem como fatores centrais, agravados por deficiências estruturais e de gestão que afetam diretamente a qualidade da assistência prestada. Divergências foram identificadas apenas no objeto dos estudos: alguns enfatizam o desgaste psicológico, outros os entraves organizacionais. Contudo, todos convergem em reconhecer que esses problemas comprometem a humanização do cuidado e segurança dos pacientes.

Assim, em resposta à questão norteadora do estudo, os principais desafios enfrentados por enfermeiros em setores de urgência e emergência incluem sobrecarga laboral, desgaste físico e mental, insuficiência de recursos, além de falhas organizacionais e comunicacionais. Esses fatores impactam, consequentemente, a qualidade assistencial, ampliando riscos tanto para pacientes quanto para profissionais.

Quanto aos objetivos desta pesquisa, a revisão integrativa da literatura permitiu identificar e compreender as referidas dificuldades, assim como indicar caminhos possíveis para sua superação. Nesse aspecto, destaca-se a importância de políticas públicas, investimentos em recursos, valorização profissional, educação permanente e suporte psicológico. Por conseguinte, a melhoria das condições laborais e adoção de estratégias institucionais consistentes tornam-se indispensáveis para garantir uma assistência segura, humanizada e em consonância com os princípios do SUS.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise realizada, a prática da enfermagem em setores de urgência e emergência é marcada por condições laborais adversas que impactam tanto a saúde de seus profissionais quanto a qualidade da assistência oferecida aos pacientes. Desse modo, o processo de seleção bibliográfica permitiu incluir pesquisas nacionais e internacionais que se convergem, apesar de seus diferentes enfoques. Isso ocorre, sobretudo, ao apontarem que sobrecarga de trabalho, escassez de recursos humanos e materiais, desgaste físico e psicológico, além de falhas organizacionais como principais desafios enfrentados pelos enfermeiros nesses ambientes.

A questão de pesquisa que norteou este trabalho foi respondida de forma consistente. Afinal, o ambiente emergencial, por sua natureza dinâmica de alta complexidade, exige decisões rápidas e efetivas. Porém, a ausência de suporte estrutural e organização adequada amplia o risco de falhas que comprometem a segurança do paciente. Além disso, o estresse contínuo, exposição a situações de sofrimento e morte, bem como pressão por produtividade contribuem para o desenvolvimento de agravos psicológicos recorrentes, como a Síndrome de Burnout.

Por meio disso, os estudos revisados enfatizaram que algumas estratégias podem atenuar os problemas encontrados. Por exemplo, adoção de protocolos assistenciais, implementação de programas de educação permanente, fortalecimento de comunicação interprofissional, investimento em políticas públicas que garantam melhores condições laborais e criação de espaços institucionais de apoio psicológico.

Dessa forma, a presente pesquisa contribuiu em oferecer um panorama atualizado sobre a realidade da enfermagem em urgência e emergência. Destacou, ainda, que a superação dos desafios identificados demanda um esforço conjunto entre gestores, profissionais e formuladores de políticas de saúde. Reforça-se, assim, a necessidade de ações integradas para valorizar o papel da enfermagem, promover melhores condições de trabalho, além de assegurar assistência de qualidade, humanizada e segura, em consonância com os princípios do SUS.

REFERÊNCIAS

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Incidentes relacionados à assistência à saúde: resultados das notificações realizadas no Notivisa – Brasil, janeiro a dezembro de 2023. Brasília, DF: **Anvisa**, 2024. Disponível em:
<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servicosdesaude/relatorios-de-notificacao-dos-estados/eventos-adversos/relatorios-atuais-de-eventos-adversos-dos-estados/brasil>. Acesso em: 16 Jul 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.863, de 29 de setembro de 2003. Institui a Política Nacional de Atenção às Urgências, a ser implantada em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 6 out. 2003. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2003/prt1863_26_09_2003.html. Acesso em: 25 Jul 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.048, de 5 de novembro de 2002. Institui o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 12 nov. 2002. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt2048_05_11_2002.html. Acesso em: 05 Jul 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Urgência e emergência: sistemas estaduais de referência hospitalar para o atendimento de urgência e

emergência. Brasília, DF: **Ministério da Saúde, Secretaria Executiva**, 2001. 28 p. ISBN 85-334-0279-1. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/urgencia_emergencia.pdf. Acesso em: 09 Jul 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. Manual instrutivo da Rede de Atenção às Urgências e Emergências no Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: **Editora do Ministério da Saúde**, 2013. 84 p. ISBN 978-85-334-1997-1. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_instrutivo_rede_atencao_urgencias.pdf. Acesso em: 16 Jul 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigos 196 a 200. Brasília, DF: Presidência da República, **Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União: seção 1, Brasília**, DF, 20 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 01 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.600, de 7 de julho de 2011. Reformula a Política Nacional de Atenção às Urgências e institui a Rede de Atenção às Urgências no Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União: seção 1, Brasília**, DF, 8 jul. 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1600_07_07_2011.html. Acesso em: 01 set. 2025.

CARDOSO, Renata Foro Lima; DE OLIVEIRA, Larysse Caldas; PARENTE, Jorgeany Soares. Dificuldades vivenciadas pelo enfermeiro assistencial nas unidades de urgência e emergência: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/12487>. Acesso em: 11 out. 2025

COMAPE, R. dos S.; CORREA, E.; SOUZA, L. A. de. A importância da comunicação efetiva ao paciente na urgência e emergência: uma revisão de literatura. **Medicus**, v. 6, n. 2, p. 128-142, 2024. Disponível em: <https://cognitionis.inf.br/index.php/medicus/article/view/284>. Acesso em: 12 nov. 2025.

COFEN, Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN nº 375, de 22 de março de 2011. Dispõe sobre a presença do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar e inter-hospitalar, em situações de risco conhecido ou desconhecido. Revogada pela **Resolução Cofen nº 713/2022**. **Brasília, DF: Cofen, 2011**. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-n-3752011/>. Acesso em: 16 Jul 2025.

FERREIRA, Brisa Emanuelle Silva *et al.* Os enfermeiros e a síndrome de burnout no contexto da pandemia da covid-19. **Nursing Edição Brasileira**, v. 28, n. 313, p. 9339-9350, 2024. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3208>. Acesso em: 12 nov. 2025.

FERREIRA, Pedro Fernandes Castro Leão *et al.* Desafios no atendimento em situações de urgência e emergência: uma revisão narrativa da literatura. **Lumen et Virtus**, v. XV, n. XXXIX, p. 3324-3329, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/348>. Acesso em: 10 nov. 2025.

FERREIRA, Rosiane; SOARES, Amanda; PONTES, Juliana. Alta demanda das unidades de pronto atendimento e a sobrecarga da enfermagem: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 45-56, 2025. Disponível em: <https://ojs.atlanticaeditora.com.br/index.php/Enfermagem-Brasil/article/view/475>. Acesso em: 12 out. 2025.

GALLO, A. M.; MELLO, A. D. A humanização no atendimento de urgência e emergência: percepção dos usuários. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 87-99, 2009. Disponível em: <https://www.revistasaudedpublicaparana.org.br/artigos/gallo2009.pdf>. Acesso em: Acesso em: 05 out. 2025.

GOLDBERG, R. *et al.* Burnout and its correlates in emergency physicians: four years experience with a wellness booth. **Annals of Emergency Medicine**, v. 27, n. 2, p. 230–235, 1996. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8959173/>. Acesso em: 19 set. 2025.

HOOPER, C. *et al.* Compassion satisfaction, burnout, and compassion fatigue among emergency nurses compared with nurses in other selected inpatient specialties. **Journal of Emergency Nursing**, v. 36, n. 5, p. 420–427, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20837210/>. Acesso em: 08 set. 2025.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: **Hucitec**, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1344574>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MINASI, Alex Sandra Avila *et al.* Atuação da enfermagem na urgência e emergência: evidências sobre as melhores práticas. **Revista Foco**, v. 17, n. 12, p. e7315-e7315, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/7315>. Acesso em: 12 jul. 2025.

MOUKARZEL, A. *et al.* Burnout syndrome among emergency department staff: Prevalence and associated factors. **European Journal of Emergency**

Medicine, v. 26, n. 5, p. 345–351, 2019. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30800675/>. Acesso em: 15 set. 2025.

SCARPELINI, Sandro. A organização do atendimento às urgências e trauma. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 40, n. 3, p. 315-320, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/328>. Acesso em: 05 nov. 2025.

SILVA, Laurice Aguiar dos Santos *et al.* Atuação da enfermagem em urgência e emergência. **Revista Extensão**, Palmas, v. 3, n. 1, p. 83-92, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/1688>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SILVA, A. F.; OLIVEIRA, C. D.; FONSECA, L. H. M. Desafios e condições de trabalho do enfermeiro em unidades de pronto atendimento. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 45, e200000, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsc/a/200000.pdf>. Acesso em: 26 out. 2025.

SOARES, Juliana Pontes *et al.* Fatores associados ao burnout em profissionais de saúde durante a pandemia de covid-19: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. spe1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E126>. Acesso em: 18 set 2025.

SOKOLSKI, Bianca Letícia; VANDRESEN, Fernanda; SENFF, Carlos Otávio. Desafios da enfermagem para atuação em urgência e emergência. **Saúde e Meio Ambiente**, v. 8, p. 207-218, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/1994>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SOUZA, Larissa; LIMA, Rafael. Desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento de urgência e emergência durante a pandemia da covid-19. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 34, p. 1-9, 2022.

UNA-SUS, Universidade Aberta do SUS. Redes de atenção à saúde: rede de urgência e emergência – RUE. Organização de Marcos Antônio Barbosa Pacheco. São Luís: **UNA-SUS/UFMA**, 2015. 42 f. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/2435/1/UNIDADE_4.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.